

Tuik
o amigo imaginário

Marina Pechlivanis

Ilustrações de Mateus Rios

Tuik
o amigo imaginário

1ª edição

Formato

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pechlivanis, Marina
Tuik, o amigo imaginário / Marina Pechlivanis ; ilustrações de Mateus Rios. – São Paulo : Formato Editorial, 2006.

ISBN 978-85-7208-434-5

1. Literatura infantojuvenil I. Rios, Mateus. II. Título.

06-0916

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

7ª tiragem, 2018

Tuik, o amigo imaginário

Texto © 2006 Marina Pechlivanis
Ilustrações © Mateus Rios

Gerente editorial Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira
Assistência editorial e preparação de texto Kandy Sgarbi Saraiva
Auxiliar de serviços editoriais Andreia Pereira
Revisão Pedro Cunha Jr. (coord.)
Cid Ferreira/Elza Gasparotto

Gerente de arte Nair de Medeiros Barbosa
Projeto gráfico Hamilton Olivieri Jr.
Suplemento de trabalho Maria Regina Bellucci

Direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0XX11) 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem o consentimento por escrito da editora.

CL: 811040
CAE: 577011

Ao mestre Italo Calvino e seus divinos conhecimentos sobre contos fantásticos.

À minha árvore genealógica, passada, presente e vindoura, em especial aos meus filhos Nicole e Chryssantos.



ouve uma vez Tuik.

Sabe aquelas coisas que ficam para sempre na nossa memória, que passam dias, meses, anos e aquilo continua lá, vivinho da silva?

Pois foi assim que aconteceu.

Difícil esquecer Tuik em si.

Não em si por fora — pois com o tempo só restou a imagem de quando o conheci, um menino divertido e iluminado, cabelos bem encaracolados, um pouco gordinho, pele morena de sol, bochechas salientes e rosadas, olhos de cor azul-mar-profundo contornados por sobrancelhas grossas e que se moviam conforme ele falava e pensava —, mas em si por dentro.

De Tuik ficaram na memória as histórias.

“— Aprendi em casa, ouvi nas viagens, li num livro, me contaram por aí” — dizia uma coisa diferente cada vez que eu perguntava de onde vinham.

Mas eram histórias dele, que ele contava com tanta vontade que, mesmo sem hoje saber até onde aquelas maravilhosas palavras reunidas eram reais ou inventadas, ficaram todas registradas como acontecidas.

Pois por existirem contadas, elas de fato aconteceram.

Na cabeça de uma criança, ganharam vida própria em si.

Não só em si — e não sei em quantos “sis” as histórias permaneceram, pois muitas crianças ouviram as histórias de Tuik —, mas principalmente em mim.

Os lugares, as pessoas, as situações, os mistérios que Tuik contava fazem parte dos meus dias e dos meus sonhos.

Nem lembro com exatidão quais histórias ele começou e eu terminei, quais nunca tiveram um final, ou que começavam pelo fim e acabavam no meio.

Mas trechos inteiros de seus contos fantásticos se confundem com a minha vida, nas mais variadas ocasiões. E nas histórias dele eu fui colocando um pouco das minhas histórias também.

Tuik veio — difícil lembrar exatamente quando, de onde, como, por quê — e se foi — também não lembro para onde, em que época, qual o motivo, de que forma.

Mas ficou.

Mesmo as expressões que usava, as interjeições que sutilmente colocava em suas narrativas e a língua que ele falava, muito diferente da nossa e que ele nunca quis traduzir, ficaram em mim para sempre.

Foi por isso que resolvi registrar o que lembro, para colocar um ponto final nessas narrativas. Para preservar esta divina tradição oral. Para eternizar em outras memórias as memórias fascinantes que eu ouvi de Tuik, que são minhas também e que a partir de agora serão suas.

Abra bem seus olhos, seu coração e seus ouvidos.

Pois, como dizia Tuik, *hawa abut kabim!*



Não tem a menor graça ficar dentro de casa em dia de chuva.

Fora dá para fazer “chluft” nas poças, dá para tomar um banho no chuveiro do céu, dá para abrir a boca e sentir o gosto de nuvem que as gotas molhadas têm, dá para fazer bonecos de lama e bolinhos de meleca na areia, dá para dançar na chuva, dá para ficar ensopado.

Em casa não dá para fazer nada, a não ser olhar para as janelas e ver que elas chorumingam como a gente.

Tudo fica cinza, tudo fica seco, mesmo estando molhado.

E não há pipoca, nem jogo, nem filme que supere o Sol brilhando lá fora, convidando para sair.